



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

10 e 11 de março de 2018

**Diário Catarinense e A Notícia
De Ponto a Ponto**

“Sardinhas em cativeiro para abastecer indústrias”

Sardinhas em cativeiro para abastecer indústrias / Santa Catarina /
Laboratório de Piscicultura Marinha / Lapmar / UFSC / Univali / Universidade
Federal de Santa Catarina / Pós-Doutorado / Fábio Sterzelecki

SÁBADO E DOMINGO, 10 E 11 DE MARÇO DE 2018

DE PONTO A PONTO

LITORA NORTE

SARDINHAS EM CATIVEIRO

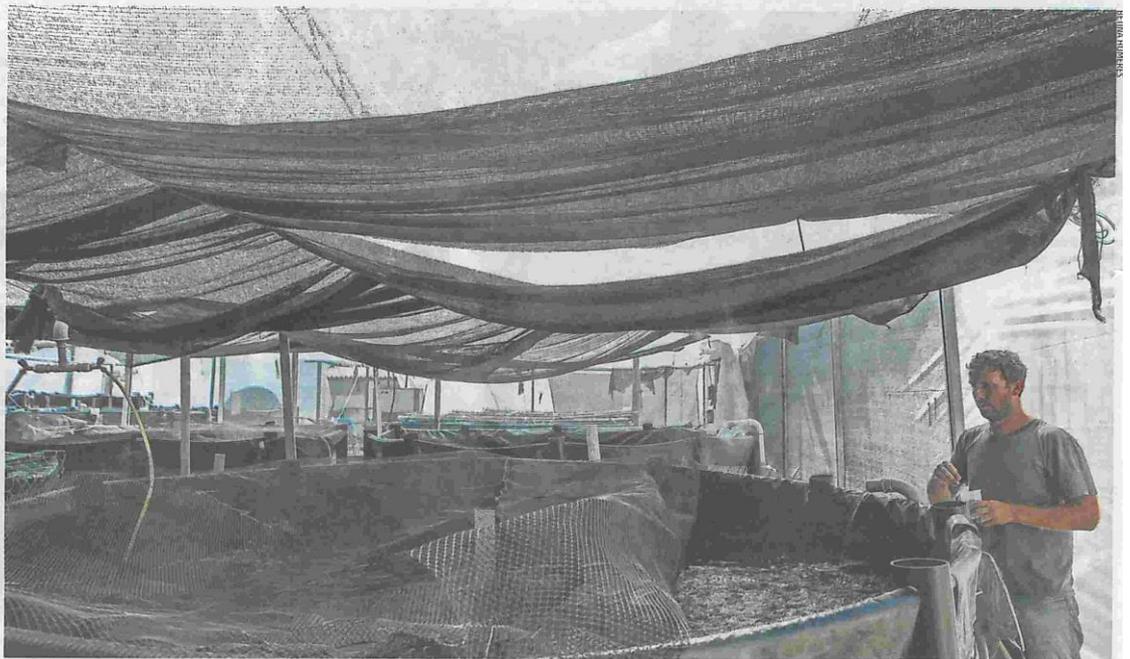
Projeto desenvolve
produção a baixo custo
para abastecer indústria
em Santa Catarina

5 DAGMARA SPAUTZ



LITORAL NORTE


**DAGMARA
SPAUTZ**

 dagmara.spautz
@somosnsc.com.br


Pesquisador criou sistema que fertiliza a água e ajuda a multiplicar algas para alimentar filhotes no Laboratório de Piscicultura Marinha da UFSC

Sardinhas em cativeiro para abastecer indústrias

PROJETO DA UFSC e Univali inova com produção a baixo custo, uma alternativa ao setor que absorve atualmente 90% do que é capturado

Um projeto desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com a Univali, desenvolveu sardinhas em cativeiro para engorda que poderão ser uma solução para a indústria enlatadora. O desafio é tornar o custo de produção viável, e estudos recentes apontam para esse caminho. Um trabalho de pós-doutorado do pesquisador Fábio Sterzelecki conseguiu reduzir em cinco vezes o investimento por sardinha na aquicultura.

Hoje, a estimativa é de que cada sardinha criada em laboratório custe R\$ 0,10. Ainda é bastante cedo para concorrer com um recurso pesqueiro que se captura “gratuitamente” no mar, mas o preço é competitivo – especialmente se considerada à baixa nas últimas safras de sardinha. No ano passado, o resultado foi o pior dos últimos 20 anos.

A redução de preço para a criação em cativeiro ocorreu por meio da alimentação: o pesquisador conseguiu criar um

sistema que fertiliza a água e estimula a multiplicação de algas que alimentarão os filhotes. O peixe é reproduzido no Laboratório de Piscicultura Marinha da UFSC (Lapmar) e permanece em tanques até atingir um determinado tamanho.

A sardinha é, então, levada para a área de pesquisa da Univali, em Penha, onde é mantida em gaiolas flutuantes e o processo de engorda concluído. A última remessa foi de 7 mil peixes, e os resultados são positivos.

– Conseguimos baixar muito o custo para chegar à viabilidade econômica – diz Sterzelecki.

A indústria de enlatados, que hoje absorve 90% da sardinha capturada no país, tem interesse na produção em cativeiro. Conseguir produzir o peixe a um baixo custo resolveria os problemas com o estoque, que é diretamente afetado pelas safras.

QUANTIDADE PRODUZIDA E PREÇO SÃO OS DEFIKIOS

No ano passado, por exemplo, a Gomes da Costa, que é a

maior indústria enlatadora do país, importou 50 mil toneladas de sardinhas – 95% da matéria-prima utilizada pela empresa em Itajaí. O motivo foi a pesca nacional insuficiente. A solução foi importar mais, mesmo pagando 30% mais caro do que a sardinha brasileira. Em outubro, no entanto, problemas na importação deixaram a indústria sem sardinhas e obrigaram a indústria a paralisar a produção por 10 dias.

– A alternativa de criar em cativeiro é interessante. Há o desafio dos custos, porque o preço da sardinha é baixo, e é complicado chegar à capacidade (da indústria). Mas se foi possível atender a uma parte, é um suspiro – comenta Ivan Fuchter, diretor industrial da empresa.

Uma das vantagens da sardinha criada em cativeiro é a possibilidade de controlar o tamanho do peixe, evitando perdas nas enlatadoras. Sterzelecki afirma que o sistema pode ser uma complementação à pesca tradicional, numa “dobradinha” entre pesca e aquicultura.

Isca-viva

O projeto de engorda de sardinhas em cativeiro teve origem em outra pesquisa, iniciada pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (CepSul), há nove anos. O projeto, batizado de Isca-viva, iniciou a reprodução das sardinhas em laboratório, para reduzir a demanda por iscas na pesca tradicional.

A sardinha é muito utilizada na pesca industrial com varas, técnica utilizada para a captura do atum. A preferência é pelos juvenis, os filhotes, e a pesquisa conseguiu produzi-los com sucesso em cativeiro. O custo, no entanto, impediu o uso em larga escala. Cada peixe custava, originalmente, de R\$ 0,50 a R\$ 0,60.

Além de possibilitar a engorda, a nova técnica de alimentação baixou o preço de produção da isca-viva, o que pode viabilizar a comercialização como insumo para a captura de outras espécies.

O CAMINHO

1. A reprodução ocorre no Lapmar, na UFSC, em Florianópolis.
2. As larvas, que se tornarão os peixes, são colocadas em tanques com água fertilizada.
3. Com alimento abundante, o peixe cresce e pode passar à fase de engorda.
4. Os peixes são levados à estação da Univali, em Penha, onde serão submersos em gaiolas subaquáticas.
5. As sardinhas passam para o período de engorda, e é possível controlar o tamanho dos peixes.

Diário Catarinense e A Notícia (Contracapa) Comunidade "Batalha pela juventude"

Batalha pela juventude / Projetos sociais / Prevenção / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Pesquisadora / Serviço Social / Beatriz Augusto de Paiva / Políticas Públicas

COMUNIDADE
PROJETOS SOCIAIS
EM SC LUTAM
PELA DEFESA DA
JUVENTUDE
Páginas 16 e 17

SÁBADO E DOMINGO, 10 E 11 DE MARÇO DE 2018

16

COMUNIDADE

BATALHA PELA JUVENTUDE

PROJETOS SOCIAIS EM regiões vulneráveis driblam a burocracia e falta de recursos para prevenir a violência em SC

LEONARDO THOMÉ E GABRIELE DUARTE
leonardo.thome@somossc.com.br
gabriele.duarte@somossc.com.br

É numa academia improvisada no acesso ao alto do Morro do Mocotó, no centro de Florianópolis, que mais de 50 crianças e adolescentes sonham com um futuro melhor. Longe das drogas, de armas, do crime. Ali, em dois tatames, praticam quatro modalidades esportivas sob a coordenação de 10 professores voluntários que, muitas vezes, tiram dinheiro do próprio bolso para comprar equipamentos. Sem apoio do poder público, o projeto Eu Faço a Minha Parte é, desde 2011, uma das tantas entidades catarinenses que tentam mudar realidades.

Professor e liderança do projeto, Ederson Emanuel de Souza, o Neni, 34 anos, enfrenta muitos obstáculos para atender menores de idade que vivem em comunidades vulneráveis do Maciço do Morro da Cruz. As drogas são o mais perigoso deles. Isso, somado à burocracia para conseguir recursos do poder público e à indiferença de boa parte da sociedade, mostra as dificuldades de quem busca prevenir para não remediar.

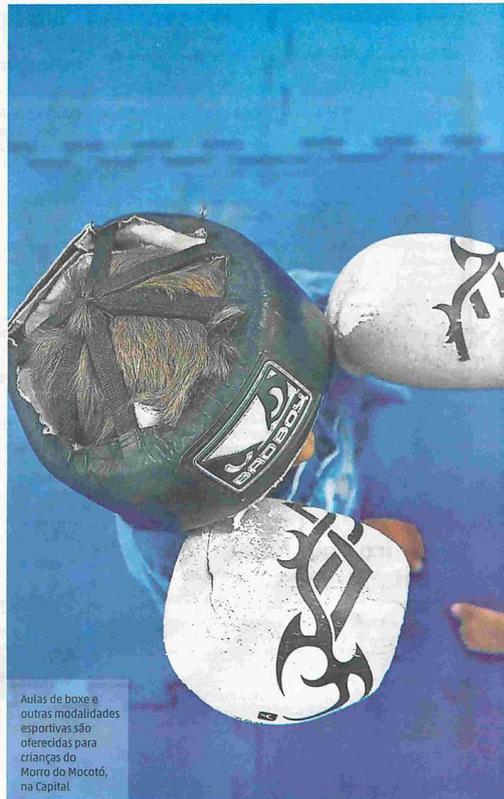
Já tiramos muitas crianças e adolescentes do crime, mas, infelizmente, a gente mais perdeu do que ganhou – lamenta. Um dos alunos do projeto, de 17 anos, foi morto a tiros pela polícia durante fuga de uma perseguição que começou na Vila União, norte da Ilha, e terminou no Itacorubi, em 12 de dezembro do ano passado.

– A gente vive uma realidade que muita gente não conhece. Por isso às vezes se indigna com tanta burocracia, sendo que nós estamos aqui para fazer o bem, tirar essas crianças das drogas, do crime. Depois, os mesmos que não ajudam os projetos são os que vão reclamar se forem assaltados por um moleque na rua. Mas o que fizeram para esse menor não entrar no crime? – questiona Neni.

Se para entidades já consolidadas é difícil transformar caminhos, como a do Mocotó, que já atendeu mais de 500 crianças, imagine nas comunidades onde não há válvula de escape. É o que acontece na Vila União, Paqueta e Morro do Mosquito, que formam o “triângulo vermelho” do crime no norte da Ilha. Por lá, mães lamentam não terem onde deixar as crianças, que acabam presas em casa ou perambulando pelas ruas.

A prefeitura promete ações para aparelhar equipamentos públicos na área, mas enquanto isso não acontece, os filhos de Maçan Guedes, 42, presidente da Associação de Moradores da Vila União, ficam ociosos no contraturno escolar. Isso ocorre desde 2015, quando o Centro de Convivência da localidade, que oferecia atividades para as crianças, foi fechado por falta de recursos. Para piorar a situação, a única escola da Vila iniciou o ano letivo com apenas quatro das seis antigas salas de aula ocupadas.

– Isso desanima ainda mais as crianças que ficaram, porque além de você não ter opções, os amigos todos foram embora. Não tem mais nada na Vila, e com a escola desse jeito vai piorar – lamenta Maçan.



Aulas de boxe e outras modalidades esportivas são oferecidas para crianças do Morro do Mocotó, na Capital

Entidades pedem foco na prevenção

“Abafar o crime”. “Aumentar o efetivo das polícias”. “Construir novos presídios”. As frases, repetidas por autoridades quando o assunto é o avanço das disputas entre facções pelo domínio de territórios do tráfico de drogas, deixam clara a estratégia dos governantes no enfrentamento à questão: repressão.

No entanto, entidades como o Instituto Comunitário Grande Florianópolis (Icom) acreditam que o foco na prevenção é fundamental. E os números justificam essa preocupação. Em 2017, 172 menores de idade foram apreendidos na Capital. Doze foram mortos e outros 25 envolvidos em homicídios em um universo de 121 inquéritos com autoria identificada até janeiro – 21% do total de registros no ano passado.

De acordo com o Icom, responsável pela elaboração do relatório Sinais Vitais em 2016, 26% da população de Florianópolis é formada por crianças e adolescentes. Elas vivem na Capital com um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano do Brasil, no entanto, uma em cada sete crianças está vulnerável à pobreza.

Para a entidade, dados da segurança pública mostram que menores de idade de moradores de regiões vulneráveis são aliciados cada vez mais cedo pelo crime organizado, por isso a necessidade de investimentos públicos em educação, assistência social e na garantia de direitos básicos de cidadania.

Coordenadora de programas do Icom, Renata Pereira da Silva afirma que é importante maior envolvimento da sociedade

de com políticas voltadas aos jovens.

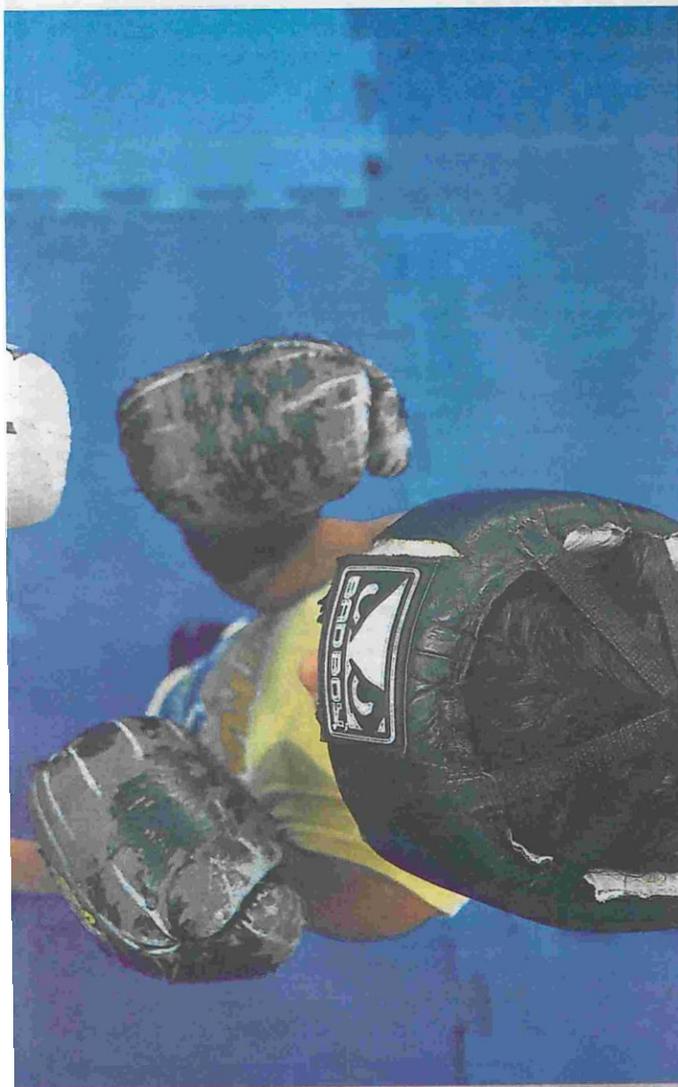
– Temos a esperança que essas organizações sigam fazendo seu trabalho na ponta, mas que a sociedade civil possa reconhecer a importância disso e também se veja como protagonista da situação. A gente acredita que as organizações não substituem o poder público, mas elas se complementam, se fortalecem – avalia. A desembargadora Cinthia Schaefer, coordenadora do grupo de monitoramento do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJ/SC) sobre o assunto, ressalta a necessidade de “mudança de olhar” na segurança pública:

– Não adianta atuarmos na consequência se a causa não é tratada. Assim, a gente só alimenta o problema.

Já a pesquisadora do Serviço Social

da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Beatriz Augusto de Paiva, sustenta que a relação entre investimento em projetos sociais e diminuição da criminalidade não é direta. Para ela, o problema não é resolvido somente com esse tipo de iniciativa.

– A ascensão do narcotráfico é financiada pela lavagem de dinheiro. Os investimentos do mercado financeiro se apropriam do tráfico de drogas. A gente vive não com a pobreza. Se a gente tivesse educação integral, saúde pública, urbanização, além dos projetos sociais nesses espaços, aí sim. Mas eles sozinhos não têm capacidade de minimizar o estrago que o narcotráfico faz na juventude pobre – pondera a pesquisadora, que é especialista em serviços sociais.



LEO MURRHOZ

Políticas públicas de assistência social

Os investimentos da prefeitura de Florianópolis no conjunto Fundo e Secretaria de Assistência Social caíram de R\$ 45,4 milhões em 2016 para R\$ 38,2 milhões em 2017, uma redução de 16%. O município alega que a diminuição foi “consequência do corte de custos com aluguel, bem como devido aos pagamentos dos contratos terceirizados e das contas de água e luz terem sido efetuados pela Secretaria Municipal da Fazenda”. A secretária garante que a redução “não prejudicou a execução da Política Municipal de Assistência Social”.

Em 2018, o orçamento da pasta prevê um aumento significativo para a área, de R\$ 55,4 milhões em recursos próprios. A secretária de Assistência Social da Capital, Katherine Scherener, destaca também que os cofinanciamentos com entidades

assistenciais receberão mais recursos.

– São mais de R\$ 8 milhões em cofinanciamento, sendo que já foram repassados R\$ 1,24 milhão as entidades e a partir de abril iniciam as novas parcerias.

Em 2018, o orçamento total previsto para Assistência Social em Florianópolis é de R\$ 119,9 milhões, 10% maior que em 2017. Esse valor representa 4,8% dos R\$ 2,47 bilhões destinados a todo o orçamento municipal em 2018. Membros do Icom e do Fórum de Políticas Públicas de Florianópolis entendem, porém, que a pasta deveria receber recursos fixos de 10% do plano orçamentário. A secretária Katherine, no entanto, admite que para a prefeitura esse aumento de 5,2% pode desguarnecer outras áreas municipais e isso precisa ser definido pelo governo.

Programa da Polícia Militar completa 20 anos de orientação sobre drogas

Fora do escopo municipal, o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) é um dos projetos estaduais que se mantém na ativa por meio da institucionalização junto à administração pública. Na próxima sexta-feira, a iniciativa da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) completará 20 anos, tendo atingido mais de 1,2 milhão de crianças e adolescentes matriculados na educação básica em 242 municípios de todo o Estado – inclusive com recorde de participantes em 2017 (91.882).

Para o coordenador do Proerd, major Reginaldo Rocha de Sousa, a continuidade do programa educacional, que prevê 10 encontros de uma hora durante as aulas, se deve ao envolvimento de vários atores, entre eles alunos, pais, professores e policiais militares.

– A prevenção não tem como ser medida. O trabalho da PMSC é no sentido de passar orientações e fornecer ferramentas para que as crianças e os adolescen-

tes tomem boas decisões no futuro. Mas sabemos que há outros fatores que fazem com que eles sigam por outros caminhos – avalia o coordenador.

Cada estudante que passa pelo Proerd gera um custo de R\$ 12,70 para o governo estadual, já que a manutenção do programa se divide entre as secretarias de Segurança Pública, Educação e Saúde. Esse fator, para o major Sousa, também contribui para a manutenção da iniciativa, que não depende exclusivamente de uma pasta.

– É um valor baixo para o Estado, principalmente visando os efeitos que o programa traz para a comunidade, de aproximação e fortalecimento de vínculo, mudança de visão do policial e referência para a comunidade escolar. E quanto mais programas voltados para a prevenção ao tráfico de drogas e à criminalidade, com ONGs bem estruturadas, melhor para a formação das crianças – completa o coordenador do Proerd em SC.

Joinville e Blumenau também enfrentam dificuldades financeiras

De acordo com levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Catarina tem 687 unidades de prestação de serviços de assistência social privadas sem fins lucrativos com serviço de convivência e fortalecimento de vínculo, sendo 74 localizadas na Grande Florianópolis. Na comparação com Rio Grande do Sul (2.637) e Paraná (1.149), SC é o Estado é o que menos dispõe desse tipo de organização.

A Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho e Habitação não respondeu aos questionamentos da reportagem sobre os recursos destinados a essas organizações nos últimos anos. Disse que só se manifestaria após a transição do comando da pasta, que deve acontecer ao longo da próxima semana.

A dificuldade em angariar recursos para manter as atividades oferecidas em projetos sociais não se restringe às comunidades da Grande Florianópolis. Em Joinville, outra cidade diretamente afetada pelo avanço da criminalidade, o investimento público nesse tipo de iniciativa diminuiu progressivamente – R\$ 177 milhões em 2015, R\$ 16,2 milhões no ano seguinte e R\$ 15,8 milhões em 2017. Em compensação, os recursos foram melhor distribuídos, já que há três anos eram somente cinco projetos financiados e, atualmente, são 13, segundo a prefeitura.

TRABALHO VOLUNTÁRIO É REFERÊNCIA NOS MUNICÍPIOS

A maioria das unidades levantadas pelo IBGE em 2015 recebe adolescentes entre 15 e 17 anos, seguido do atendimento de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos e do acolhimento de crianças até 6

anos. É o caso da Casa de Acolhida São Felipe Néri, em Blumenau, que foi criada em 2015 no bairro Velha Grande e hoje oferece atividades a 63 menores de 14 anos no contraturno escolar.

Apesar de ter uma fila de espera de 130 crianças e depender totalmente de doações e do trabalho voluntário de pelo menos 30 pessoas, a ONG nunca recebeu recursos da prefeitura.

– Temos todos os documentos que precisa para funcionar, mas falta tempo e conhecimento para inscrever em projetos e contar com recursos públicos. A prefeitura também nunca se ofereceu para ajudar, pelo contrário, o Cras [Centro de Referência de Assistência Social] é quem manda as famílias para cá, mas infelizmente não temos como atender todos – revela a fundadora da ONG, Giselle Stelle Cunha, que atualmente preside a casa e orgulha-se de ter propiciado alternativas aos jovens que vivem em um contexto de violência.

A prefeitura do município do Vale do Itajaí argumenta que somente em 2017 foram 43 mil pessoas atendidas nos Cras. Também informou que trabalhou no ano passado uma campanha municipal contra as drogas que reuniu 3,7 mil participantes. Não informou, contudo, o apoio concedido a ONGs e outras associações que desempenham papel complementar, somente aqueles que se encaixam no Fundo da Infância e da Adolescência e, portanto, não são financiados com recursos próprios da administração municipal. A projeção é que 9 mil jovens que residem em áreas carentes em Blumenau sejam beneficiados com iniciativas dentro dessa modalidade, que envolve a dedução fiscal de empresas, neste ano.

Notícias do Dia
Capa e Inspira
"Um acorde com perfeição"

Um acorde com perfeição / Startups / André Krummenauer / Involves /
Tecnologia / UFSC / Udesc / Estudantes / Empreendedores / Software /
Inovação



Um acorde c

DUAS BANDAS DE ROCK DERAM ORIGEM À BEM-SUCEDIDA INVOLVES, EMPRESA QUE COMEÇOU EM UM QUARTO DE 8 M².

POR JANINE ALVES

janine.alves@noticiasdodia.com.br

Assim como na música, para chegar ao acorde perfeito no mundo dos negócios é necessário muita dedicação. Neste caso, o acorde é o negócio certo para alavancar a empresa. Foram necessários dois anos de pesquisa, de tentativa e erro, sem ter um único produto próprio nas mãos, até que um projeto, rejeitado pelo cliente, transformou-se na cereja do bolo dos seis estudantes universitários da UFSC e da Udesc, que além de tocar em duas bandas de rock, decidiram tocar uma empresa de tecnologia. Durante dois anos, embora não tivesse o produto próprio, a Involves, que tem como cofundador e CEO André Krumpfenauer, seguia firme perseguindo o seu modelo de negócio, enquanto produzia tecnologia sob a demanda do mercado.

André conta que não foi fácil abrir e manter a empresa, enquanto via seus amigos, também já formados, ostentarem cargos em grandes empresas e multinacionais. Foram cinco anos de muito trabalho para alavancar os negócios, mas sem saber que muito próximo deles, aqui mesmo em Florianópolis, havia a Acate (Associação de Empresas de Tecnologia) dando suporte a novos negócios por intermédio do compartilhamento de conhecimento e de experiências. O empreendedor afirma que não se arrepende do "tempo perdido" sem o suporte da Acate, mas hoje se propõe a ajudar a alavancar novos negócios, mostrando não apenas a sua experiência no setor, mas principalmente este importante atalho que a associação oferece para os novos empreendedores.

A inspiração de André continua sendo a música e a busca pelo sucesso que ele enxerga através dos propósitos e valores da empresa, em cada acorde dos colaboradores, aos quais ele chama Involvidos.

Em 2008 a Involves nasceu, em 2010 o faturamento duplicou e assim ocorre desde então: em 2014 a empresa cresceu 152%, em 2015 o salto foi de 158%, em 2016 o crescimento foi de 110%, em 2017, de 60%. Só nos últimos quatro anos o faturamento aumentou mais de 900%, passando de R\$ 2 milhões para R\$ 18 milhões.

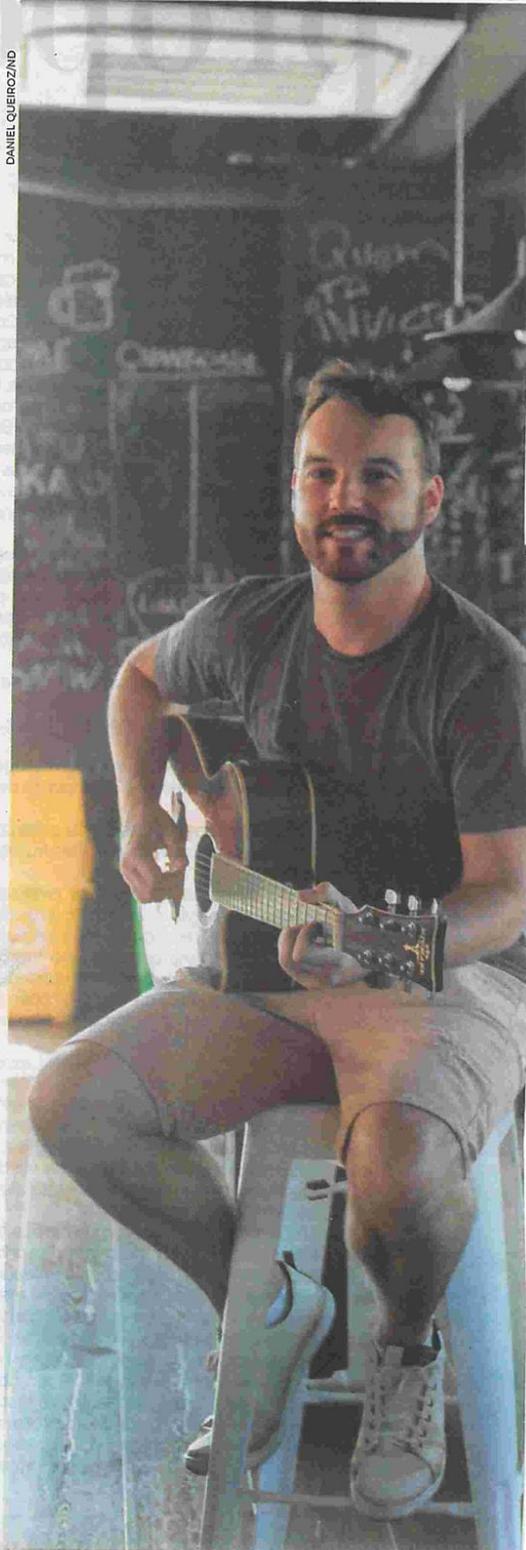
COMO SURTIU A INVOLVES?

A Involves nasceu antes da banda. Ela vem de uma amizade de colégio. Dos seis fundadores, quatro estudaram no mesmo local. Depois eu fui fazer administração na Udesc e outros três foram cursar sistemas na universidade federal, onde nasceu a amizade com os outros dois. As duas bandas nasceram entre o terceiro e o início da faculdade. A gente chegou a dividir palco em shows na universidade. O componente de valor e de cultura que existe até hoje é a amizade que nasceu lá atrás. A Involves é um lugar para se fazer bons resultados, mas também para fazer bons amigos. A gente acredita muito nisso. A Involves surgiu em 2008 e a gente ficou nove meses num quatinho cedido pelo pai de um dos fundadores, mas existem três datas de aniversário para a fundação na empresa. Uma, que é agosto de 2008, e a gente não sabe exatamente o dia. Outra que é 25 de maio de 2009, que começamos a trabalhar fora da casa de um dos fundadores, mas a gente considera a fundação da empresa, e o dia 1º de junho, quando os seis começaram a trabalhar juntos.

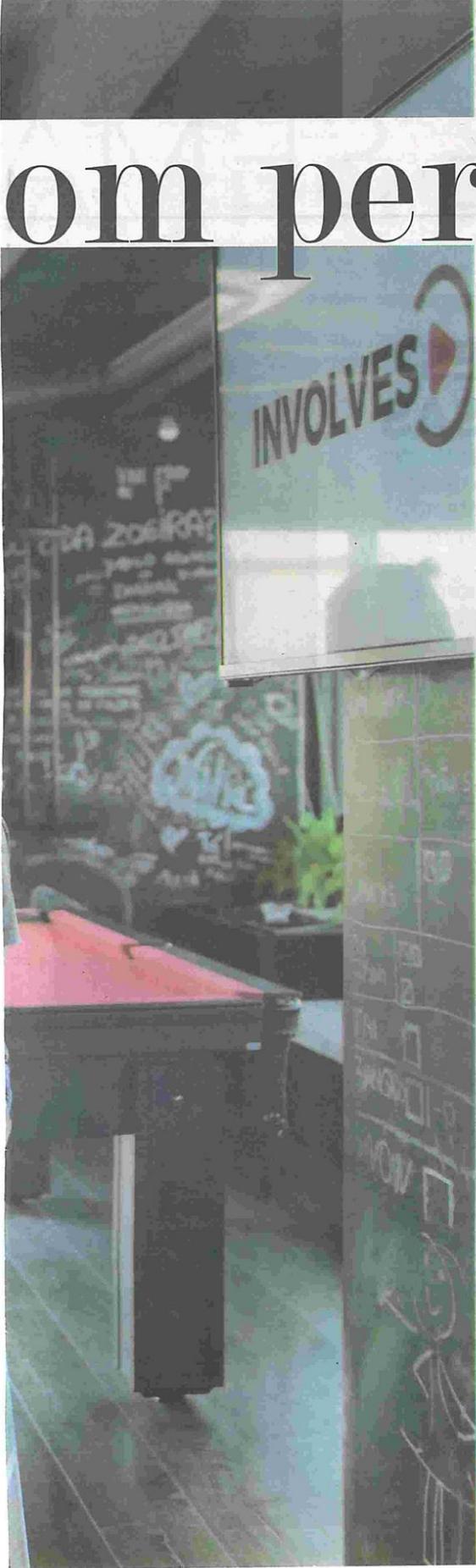
E COMO CHEGARAM AO NEGÓCIO E AO PRODUTO?

A finalidade nossa era ser um negócio baseado em receita recorrente, que é a modalidade comum para software como serviço. Você licencia o software e cobra uma mensalidade dos seus clientes, como uma assinatura mensal. A gente sabia que queria ter esse modelo de receita.

DANIEL QUERROZIND



Despojado,
André
Krumpfenauer,
CEO da
Involves,
compartilha
a experiência
pessoal e da
empresa com
trajetória
ascendente



om perfeição

esse modelo de negócio, mas não tinha uma ideia do que fazer. De 2008 há 2010 nós tentamos dez diferentes produtos. Tentamos e erramos. Nesse período a gente atuava como software house, que desenvolve software sob demanda para os clientes. E a 11ª ideia surgiu em 2010 com uma demanda para uma agência de Criciúma, que queria que os promotores de campo coletassem preços nos supermercados e a empresa pudesse consumir esses dados num relatório web. Ela trouxe essa demanda, nos orçamos o projeto como software house e o cliente não aceitou. Então fomos mais a fundo e descobrimos que aquilo ali poderia ser o nosso produto. Voltamos ao cliente com a proposta que poderia ser um produto da Involves licenciado para a empresa e que ele nos ajudasse a vender para os clientes dele também. Em 2011 a gente entregou a primeira versão do produto e de lá para cá a gente encerrou todos os outros serviços. Nos últimos oito anos, 100% na empresa é focada no nosso produto que é o Agile Promoter.

FOI UMA TRAJETÓRIA PASSO A PASSO...

Foi de sofrimento e não é entre aspas não. No meu caso, por exemplo, eu estava me formando em administração pela Udesc e a gente fundou a empresa quando eu estava na oitava fase - o curso tinha nove fases. Os meus colegas que se formaram comigo foram trabalhar em grandes empresas ou como trainee de multinacionais em São Paulo, já ganhando R\$ 4, 5 ou 6 mil e eu na pindaíba mesmo. E o custo de oportunidade, a gente deixa de ter uma carreira de assalariado e começa a arriscar, ganhando R\$ 300, 400 por mês, um salário menor do que um estagiário nos primeiros dois anos da empresa, então é sofrimento na pele mesmo. Até para a família. E a família é uma mistura de pressão com torcida.

VOCÊ RECEBEU HÁ CERCA DE DUAS SEMANAS O TÍTULO DE EMBAIXADOR DE STARTUPS DA ACATE. COMO SURTIU ESSA PROPOSTA?

Formou-se um ecossistema de inovação muito forte, muito sólido, reconhecido nacionalmente e até internacionalmente. E, sem dúvida, a base sólida desse ecossistema é essa experiência de troca de conhecimento entre os empreendedores. Você recebe muita coisa do ecossistema, aprende muito, recebe muita mentoria e depois que você tem uma trajetória, que você consegue rodar o seu negócio, você tem o dever de devolver de graça, sem fins financeiros, para desenvolver outros empreendedores. Esse círculo virtuoso que faz e fortalece o ecossistema. Pensando nisso, a Acate enxerga que a startup é o futuro da própria associação, então ela precisa gerar valor para esse novo público de empreendedores. E numa conversa com eles eu assumi o papel de 'embaixador' junto a outros dois empreendedores, com o objetivo de entregar valor, conhecimento sobre coisas que a gente já passou e eles ainda não passaram. A gente teve um evento e em breve vamos ter oficinas temáticas. No meu caso, eu sou muito apaixonado por gestão de pessoas e gestão financeira e eu vou tocar esses dois temas. Nós contamos o lado B da nossa história, a parte mais difícil, as dificuldades lá do início e que eles estão passando agora. Uma lição de persistência para eles.

QUAL O PAPEL DOS FUNDADORES DA EMPRESA NESSE PROCESSO?

O principal papel dos fundadores da empresa tem muita relação com inspirar, desenvolver pessoas, mas também o papel não se limita ao ambiente interno da empresa. A empresa também tem a responsabilidade de inspirar a sociedade ao seu redor com ações sociais. E isso também como um elemento de cultura acreditar que somos um agente ativo de mudança ao nosso redor, dentro das nossas possibilidades e isso vai além de pagar impostos. O mundo está cheio de pessoas sonhadoras, que tem milhares de ideias, mas isso eu ouvi de um mentor: uma ideia revolucionária que não é executada é a mesma coisa de que não ter nenhuma ideia. A distância entre a realidade e o sonho é a execução. E executar é arregaçar as mangas...

Diário Catarinense e A Notícia Comunidade "Bons exemplos"

Bons exemplos / UFSC / Projetos / Disputa / Prêmio

BONS EXEMPLOS

Três projetos brasileiros, sendo um da UFSC, disputaram esse prêmio mundial da Unesco, mas os dois vencedores foram um programa do Marrocos, que usa tecnologia para aulas em quatro idiomas envolvendo 300 mil professores, e o outro da Índia, parceria entre a Universidade Tata com o MIT para evitar evasão escolar.

- No próximo ano, vamos incentivar mais casos brasileiros. Na última edição do Prêmio Professores do Brasil, do MEC, tivemos mais de 1,2 mil inscrições na categoria uso de tecnologia na educação. Temos bons exemplos para mostrar ao mundo - disse para a coluna Lucia Dellagnelo, que é mestre e doutora em educação pela Universidade de Harvard.

Diário Catarinense Cacau Menezes "Modelo que dá certo"

Modelo que dá certo / UFSC / Udesc / Universidades Comunitárias

Modelo que dá certo

Florianópolis teria hoje mais de 800 mil habitantes se os jovens do interior, a partir dos anos 1960, precisassem vir para a Capital estudar na UFSC ou Udesc. Com a implantação das universidades comunitárias, criadas por leis municipais (são públicas, mas não estatais), os jovens fizeram cursos superiores em suas cidades, motivo pelo qual o desenvolvimento social e econômico ganhou dimensão.

Hoje, quando se vê a Unisul e a Unochapecó - ambas comunitárias - recebendo a nota máxima do MEC, nota-se que Santa Catarina é um Estado referência, principalmente porque o interior tem indústrias, comércio, cultura e educação de qualidade, enquanto nos demais Estados apenas as capitais concentram os melhores índices de crescimento. É oportuno lembrar que Florianópolis é a única capital que não concentra a maior população do seu Estado. Aqui, Joinville lidera o ranking.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

10/03/2018

[Final única da Copa Libertadores é triunfo 'Nutella' sobre 'raiz'](#)
['Epidemiologia Energética: utilizando dados de edifícios para apoiar política energética é tema de workshop em São Paulo](#)
[Em Florianópolis](#)